

COMPREENDENDO A CONCEPÇÃO DE “CAMPO” E A RELAÇÃO
CAMPO-CIDADE ENTRE ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL SYLVIO
BASTOS TAVARES, EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Diogo Jordão Silva¹
Jeniffer Costa dos Santos²

RESUMO

Trabalhar com os conteúdos referentes ao espaço rural no ensino de Geografia consiste em um grande desafio para o professor, principalmente quando os alunos são habitantes de áreas urbanas e não têm contato com a realidade do campo. Conhecer as concepções desses alunos sobre o campo torna-se, pois, imprescindível para um ensino mais significativo. Diante disso, o presente trabalho objetiva compreender a concepção de campo entre alunos de uma escola localizada na área urbana, e, a partir daí, identificar se os mesmos reconhecem as relações existentes entre o campo e a cidade. A pesquisa foi realizada mediante a aplicação de questionários a uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Sylvio Bastos Tavares, localizado no Parque Rosário, em Campos dos Goytacazes/RJ. A análise das respostas permite compreender que, de maneira geral, os alunos veem o campo e a cidade de forma dicotômica. O campo é, para eles, o lugar do atraso, onde predomina a natureza, a paz e a tranquilidade. As atividades de agricultura e pecuária seriam os únicos elementos dinamizadores desse espaço. Quanto às relações entre o campo e a cidade, não foi possível percebê-las nas respostas dos alunos, já que para eles os dois espaços são entendidos isoladamente.

Palavras-chave: Rural. Urbano. Ensino de Geografia.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia tem como objetivo possibilitar uma melhor compreensão da realidade, auxiliando o aluno a analisar o espaço de forma mais crítica. Conforme afirma Vesentini (2008), a Geografia escolar existe para auxiliar na formação de cidadãos, com a função de desenvolver o conhecimento e o posicionamento do educando sobre o mundo e

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – Polo Campos dos Goytacazes-RJ. Graduado em Geografia pela mesma instituição. Professor de Geografia da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: diogoj.s@hotmail.com

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – Polo Campos dos Goytacazes-RJ. Graduada em Geografia pelo Instituto Federal Fluminense. Professora de Geografia da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: jhenasan@gmail.com

frente a ele, assim como contribuir para a construção de um conhecimento crítico e fundamentado sobre o meio em que vivemos. Trata-se de dotar os alunos de ferramentas que lhes possibilitarão enxergar o mundo com olhos mais críticos, refletindo e questionando a dinâmica do espaço que se apresenta cada vez mais complexo nas diversas escalas, desde a local à global.

O estudo sobre o campo constitui-se como uma das finalidades da Geografia na Educação Básica (BRASIL, 1998). Todavia, em muitos casos, o ensino desse conteúdo torna-se um desafio ao professor, haja vista que as concepções que os alunos trazem consigo sobre esse espaço são, geralmente, rasas e até mesmo distorcidas da realidade, frutos de ideias propagadas pela mídia e pelo senso comum. Isso acontece, principalmente, quando os discentes são habitantes de áreas urbanas, não havendo, portanto, uma proximidade com esse espaço e um conhecimento efetivo sobre sua dinâmica que se apresenta cada vez mais complexa.

Conforme salienta Hespanhol (2013), o campo e a cidade passaram por profundas transformações a partir da segunda metade do século XX, resultando em novas dinâmicas nas relações entre esses recortes territoriais, colocando, portanto, a necessidade de ressignificações aos conteúdos de rural e urbano. Segundo a autora, como consequência dos processos de expansão urbana, do maior desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicações e da maior incorporação da ciência, da tecnologia e da informação em parte do setor agropecuário nacional, o espaço rural tendeu a apresentar maior complexidade e heterogeneidade em termos da sua organização socioeconômica, das relações sociais e, sobretudo, dos agentes/sujeitos que o compõem. Assim, o entendimento sobre o campo deve ir além daquele que o considera apenas como o lugar de realização das atividades agropecuárias, permitindo a compreensão de outras funções, atividades e agentes/sujeitos nele presentes.

Diante de tais pressupostos, o presente trabalho busca compreender como os alunos de uma escola localizada na cidade concebem o campo e, a partir daí, identificar se os mesmos percebem relações entre o campo e a cidade. Para tanto, foi aplicado um questionário a uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Sylvio Bastos Tavares, em Campos dos Goytacazes/RJ, no qual os alunos responderam duas questões principais: “Para você, o que é o campo?” e “Para você, o que é a cidade?”.

A escolha de uma turma de 9º ano se deu mediante o pressuposto de que o Ensino Fundamental é a etapa da escolaridade na qual os alunos constroem grande parte dos

conceitos e conhecimentos geográficos que permitem uma visão mais crítica, complexa e realista das interações campo-cidade (DUARTE, 2009). Considera-se que a análise das concepções dos alunos que encerram essa etapa escolar é fundamental para identificar as possíveis visões equivocadas, auxiliando o professor no desenvolvimento de um ensino que permita ao aluno uma melhor compreensão dessa realidade.

2 O PAPEL DO ENSINO DE GEOGRAFIA

O ensino de Geografia na educação básica possui a importante função de possibilitar ao aluno uma análise crítica a respeito do espaço geográfico. Conforme salienta Cavalcanti (2012), o espaço, objeto de análise da ciência geográfica, é concebido como um produto social e histórico, e se constitui em ferramenta que permite analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação. Logo, o objetivo do ensino de Geografia deve ser o de ajudar às crianças e jovens a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço. São esses raciocínios e concepções que os possibilitarão uma análise crítica e a construção de uma consciência transformadora da realidade.

Entretanto, no campo da Geografia escolar existem diversas dificuldades quanto à prática de um ensino que propicie ao aluno uma compreensão mais crítica do espaço. Nesse sentido, pode-se citar a permanência de uma didática conteudista, baseada exclusivamente no livro didático, o comodismo do corpo docente e a perpetuação de uma Geografia tradicional ligada à quantificação, à memorização e à descrição (SILVA; CAPISTRANO; GONÇALVES, 2010). Essas são condicionantes que não contribuem para atrair o aluno para o processo de aprendizagem, além de consistir num aprendizado muitas vezes inútil, ou seja, sem significado e aplicabilidade para o aluno e, portanto, um ensino acrítico, que não contribui para o papel da educação na transformação social.

Tais dificuldades devem ser superadas para que se alcancem os objetivos de uma educação geográfica significativa. Tais atitudes colocam o aluno como um agente passivo no processo de ensino-aprendizagem, de modo que ele fica impossibilitado de fazer análises, comparações e a problematização dos fenômenos espaciais, assim como o dificulta a compreender-se como sujeito histórico, integrante de tais fenômenos. Sendo assim, aquilo que ele estuda aparece como se fosse referente a outro mundo, que não o dele, e que, portanto, não terá aplicabilidade prática, não fazendo sentido estudar.

Lacoste (1976), afirma que esse tipo de Geografia ensinada nas escolas mascara a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço:

Essa forma socialmente dominante da geografia escolar e universitária, na medida em que ela enuncia uma nomenclatura e que inculca elementos de conhecimento enumerados sem ligação entre si (o relevo - o clima - a vegetação - a população...) tem o resultado não só de mascarar a trama política de tudo aquilo que se refere ao espaço, mas também de impor, implicitamente, que não é preciso senão memória. (LACOSTE, 1976, p. 15)

Assim, para o desenvolvimento de um ensino de Geografia que busca a formação de um aluno capaz de realizar um raciocínio espacial, situando-se corretamente e compreendendo criticamente o mundo, o docente deve desprender-se dessa Geografia tradicional e voltar-se a uma postura mais crítica de Geografia e de ensino. Conforme assevera Vesentini (2008), os professores devem buscar construir uma Geografia que conceba o espaço geográfico como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos sociais. O ensino dessa Geografia Crítica, inspirada na compreensão transformadora do real e na percepção da política do espaço, preocupa-se com a criticidade do educando e não com a acumulação de conteúdos mediante a simples memorização. Para o autor, o professor que se baseia nesses pressupostos deve compreender que não está ensinando determinado conteúdo ao aluno, mas que está contribuindo para o desenvolvimento de suas potencialidades, de modo que o mesmo torne-se coautor do saber e não mero receptáculo passivo.

Segundo Cavalcanti (2012), a consideração da Geografia escolar como uma maneira específica de raciocinar e interpretar a realidade e as relações espaciais, sendo mais do que um amontoado de dados e informações, aproxima a disciplina dos princípios construtivistas. Tais princípios consideram o ensino como o processo de construção de conhecimentos, tendo o aluno como sujeito ativo desse processo. Assim, se o professor deseja ao aluno o desenvolvimento de determinadas capacidades por meio do trabalho com os conteúdos geográficos, ele deve também estabelecer métodos de ensino adequados a tal finalidade, de modo que o aluno tenha interação direta com os objetos de conhecimento. O primeiro passo é colocar o aluno como sujeito do processo de ensino, para então pensar sobre o papel do professor e da Geografia.

Trata-se de um processo dinâmico em que todos esses elementos são ativos. O aluno, com sua experiência cotidiana a ser considerada em sua aprendizagem, é sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; é sujeito que tem ideias em construção, que têm a ver com seu contexto social mais imediato; o professor, com o papel de mediador do processo de formação do aluno, tem

o trabalho de favorecer/propiciar a inter-relação entre os sujeitos (alunos) e os objetos de conhecimento; a geografia escolar, que representa um conjunto de instrumentos simbólicos, conceitos, categorias, teorias, dados, informações, procedimentos, constituídos em sua história, é uma mediação importante da relação dos alunos com o mundo, contribuindo assim para a sua formação geral. (CAVALCANTI, 2012, p. 35).

Entende-se, portanto, que a construção do conhecimento geográfico é resultante de um processo cognitivo do próprio aluno a partir da mediação docente com os objetos de conhecimento. O papel do professor é despertar no discente suas experiências diárias, ou seja, os conhecimentos condizentes à sua realidade, para que ele os relacione aos saberes próprios da Geografia. Essa dinâmica resultará na produção de novos significados, possibilitando o entendimento e uma consciência sobre o espaço geográfico. É, pois, imprescindível que o docente trabalhe os conteúdos partindo da realidade do aluno. Segundo Cavalcanti (2000), ao estabelecer uma relação entre o conteúdo escolar e a sua realidade, o aluno terá maior convicção de que aprender elementos do espaço é importante para entender o mundo e seu lugar. Assim, estará mais motivado para estabelecer uma relação de cognição com os conteúdos apresentados, colocando-se como sujeito do conhecimento.

Partindo desses pressupostos, considera-se importante que o professor de Geografia, em sua prática de ensino, considere os conhecimentos e concepções que os alunos trazem consigo mediante suas vivências pessoais para, então, trabalhar os conhecimentos em âmbito científicos. É nesse sentido que se propõe o presente trabalho.

3 AS DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE O CAMPO

As constantes mudanças ocorridas no campo, assim como o aumento da complexidade nas relações entre o campo e a cidade vêm intensificando o debate sobre o campo no ambiente acadêmico. Segundo Hespanhol (2013), entender o rural no período atual não é algo que se restringe a seu campo imediato. Isso se deve ao fato de que as relações estabelecidas entre campo e cidade possuem uma amplitude cada vez maior e devem ser pensadas na totalidade que as integra em termos de estrutura, função, forma, conteúdo e articulação regional.

Nesse contexto, estudiosos das Ciências Humanas e Sociais têm formulado abordagens que consideram a maior ou menor integração entre esses espaços. Considerando as formulações de Mota e Schmitz (2002), Hespanhol (2013) afirma que as definições existentes do que seja rural e urbano, campo e cidade, de uma forma geral, estão associadas a

três grandes abordagens: a dicotômica, a de continuum e a de permanência das ruralidades.

A abordagem que considera a dicotomia campo-cidade vincula-se a uma visão setorial, considerando o campo como espaço do atraso, restrito à produção agropecuária. Já a cidade, moderna, volta-se à produção industrial e ao fornecimento de bens e serviços para a população nela residente e no seu entorno. No entanto, ressalta-se que com a intensificação do processo de urbanização e o agravamento dos problemas urbanos, se alterou, em parte, essas perspectivas analíticas. Assim, surgem visões idealizadas do campo, valorizando-o, principalmente, em relação aos aspectos ligados à natureza, ao sossego, a tranquilidade e a beleza.

A segunda abordagem, por sua vez, advoga o fim do rural. A mesma considera que a ampliação dos processos de industrialização e globalização provocou a urbanização geral da sociedade, tendendo a homogeneizar todos os espaços, sejam eles rurais ou urbanos. Ressalta-se ainda que essa perspectiva também está relacionada a uma concepção dualista da realidade, já que considera o rural e o urbano como polos extremos em uma escala de gradação que resultaria na urbanização geral da sociedade.

Finalmente, a terceira abordagem defende a permanência de diferentes ruralidades derivadas das particularidades de cada lugar e da maneira como cada fração do espaço participa dos processos econômicos e sociais. Esta abordagem é para Hespanhol (2013) a mais procedente. Para a autora, ao mesmo tempo em que não é possível desconsiderar as intensas transformações ocorridas nas relações entre o campo e a cidade derivadas dos processos de globalização, industrialização, urbanização e, mais recentemente, da reestruturação produtiva, não é adequado adotar uma visão homogeneizadora, sob o risco de não se entender a realidade nas suas múltiplas dimensões. Assim, a autora considera que:

Campo e cidade são compreendidos como espaços (formas) dotados de conteúdos que, por sua vez, denominam-se rural e urbano. Esses conteúdos (ruralidade e urbanidade), entretanto, podem extrapolar seus espaços de origem e, portanto, qualquer definição a priori que se apresente de forma estanque pode impossibilitar uma análise mais completa da realidade que, em si, é dotada de uma multiplicidade de sentidos (HESPANHOL, 2013, p. 109).

Essa perspectiva considera que o espaço e a sociedade rural mudaram, pois parte da população residente no campo incorporou hábitos urbanos em decorrência da expansão da infraestrutura, da maior fluidez propiciada pela melhoria das vias e dos meios de transporte e do intenso fluxo de informações veiculadas pelas mídias, principalmente pela televisão. Do mesmo modo, parte da população rural que migrou para as cidades também procura manter o

seu modo de vida por meio do cultivo de hortas e da criação de pequenos animais nos quintais, bem como pelas manifestações culturais e religiosas.

Diante de tais mudanças, Hespanhol (2013) afirma que as noções de rural-urbano e campo-cidade precisam ser reformuladas. Assim, não se pode identificar o campo apenas como o local de realização da atividade agropecuária, pois outras atividades (como o processamento artesanal), funções (de moradia, lazer e turismo, ambiental etc.) e sujeitos (como os assentados neorurais) têm sido incorporados ao meio rural.

Nessa perspectiva, Carneiro (2002) ressalta que a busca por um contato mais frequente e próximo com a natureza por parte dos habitantes das cidades acaba provocando uma série de mudanças no espaço rural, a exemplo da inserção de atividades turísticas e de lazer, que acabam introduzindo mudanças nos hábitos e práticas de vida das pequenas localidades. Entre as mudanças mais significativas estão a ampliação e a diversificação do mercado de trabalho nessas regiões de vocação turística, de modo que a organização social e econômica de unidades familiares especializadas na agricultura dá lugar a organizações pluriativas baseadas na inserção plural dos indivíduos no mercado de trabalho:

Quem é proprietário de terras pode recorrer ao aluguel de parcelas e dedicar-se a uma outra atividade, seja um restaurante, seja uma pequena pousada ou um pequeno comércio, sem romper integralmente o vínculo com a agricultura. [...] Proprietários até então exclusivamente agrícolas, abrem espaços para atividades de lazer em suas propriedades: restaurantes, passeio a cavalo, pesca de lazer (pesque-e-pague), bares, etc. (CARNEIRO, 2002, p. 226-227).

Entre os novos tipos de ocupações estimulados pela exploração do turismo e pela transformação de espaços rurais em áreas de lazer estão os trabalhos de jardineiros, pedreiros e caseiros que geralmente são feitos pelos jovens filhos de agricultores, de modo que aos poucos a agricultura vai se transformando em mais um complemento à renda familiar através do consumo direto e da comercialização em pequena escala (CARNEIRO, 2008).

Outra dinâmica que vem ocorrendo em algumas regiões do país diz respeito aos trabalhadores urbanos que passam a morar no campo, mas que continuam mantendo estreitas relações e vínculos com as cidades e com o modo de vida urbano. De acordo com Hespanhol (2013) isso ocorre por diversos motivos, a exemplo das condições cada vez mais difíceis e precárias de se viver nas cidades (violência, custo de vida elevado etc.), a melhoria da infraestrutura no campo, assim como a maior facilidade para se deslocar até a cidade (transporte público, acesso facilitado para a aquisição de carros e motos) e para se comunicar (telefonia celular).

4 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual Sylvio Bastos Tavares, em Campos dos Goytacazes/RJ. Localizado na Região Norte Fluminense, o município possui uma população total de 463.731 habitantes, dos quais 90,2% residem na área urbana (IBGE, 2010). Trata-se do maior município em extensão territorial do estado do Rio de Janeiro (4.026.696 km²). Além de exercer a função de *cidade média* na rede urbana do estado, polariza os demais municípios da região.

Conforme Cruz (2003), o município historicamente teve uma posição de destaque no cenário regional e nacional graças à sua dinâmica econômica: primeiramente por conta de sua importante indústria açucareira e, mais recentemente, por ter se tornado um dos maiores recebedores de *royalties* e participações especiais pela exploração de petróleo a partir da década de noventa do século passado. No entanto, trata-se de um município marcado por contradições, haja vista a predominância de uma população pobre e pouco dinâmica em termos de geração, acesso e distribuição de emprego e renda. Segundo o autor, Campos dos Goytacazes tem como aspecto central do seu mercado de trabalho o desemprego e o subemprego da imensa parcela da força de trabalho altamente desqualificada, que vive de biscates e mora em favelas e loteamentos não regularizados pelo Estado.

A configuração espacial da cidade sempre foi caracterizada pela dualidade centro-periferia, sendo esta resultante de um processo no qual o poder público municipal orientou-se por realizar investimentos na área central, promovendo a desvalorização das demais localidades nas quais se concentrava a população pobre, com a ausência de saneamento básico, serviços e infraestruturas (FARIA, 2005).

A instituição na qual foi realizada a pesquisa possui, atualmente, um total de 746 alunos, com um quadro de 60 docentes. Funcionando durante os três turnos, atende alunos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram aplicados questionários a uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental que estuda no turno vespertino. No total, 25 alunos responderam às perguntas. Desses, 60% (25) são do sexo masculino e 40% (10) do sexo feminino (Figura 1):

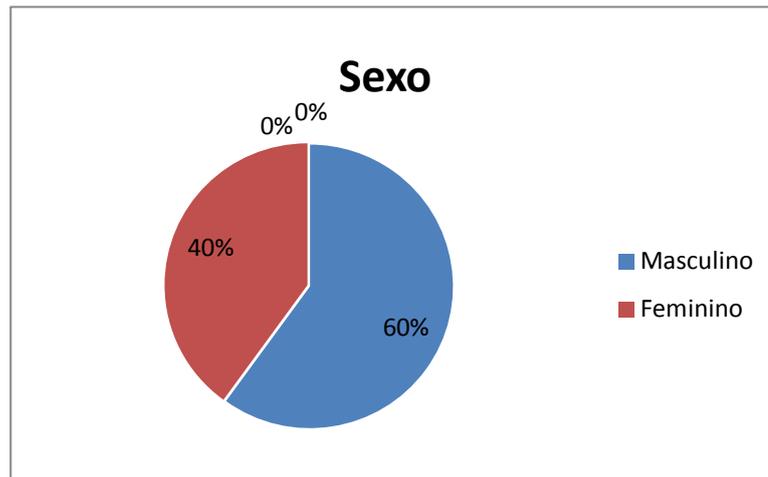


Figura 1: Distribuição por Sexo dos sujeitos participantes. Fonte: Pesquisa de Campo

Em relação à idade, há uma variação, havendo alunos com idades entre 13 e 17 anos, conforme revela a Figura 2. Tendo em vista que a idade média ideal para cursar essa série varia entre 14 e 15 anos, percebe-se que a turma apresenta alunos com distorção idade/série.

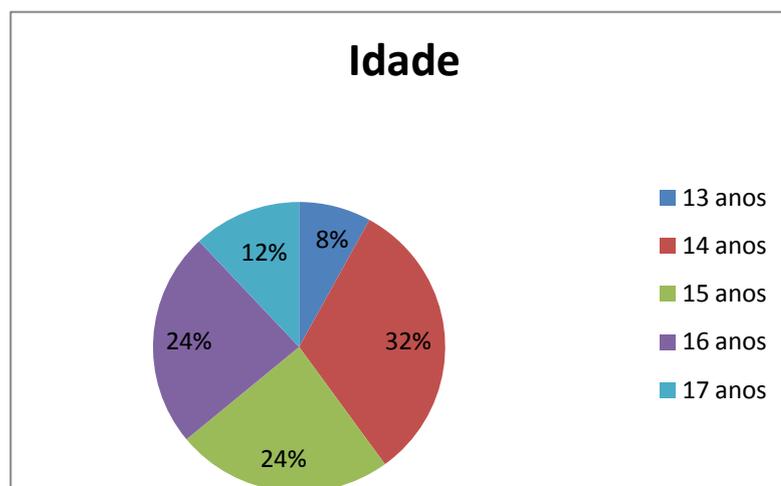


Figura 2: Distribuição por Idade dos sujeitos participantes. Fonte: Pesquisa de Campo

Os alunos são oriundos, em sua maioria, do próprio município de Campos dos Goytacazes. Há, no entanto, alguns que vieram de municípios vizinhos, como Cabo Frio, Macaé e Rio das Ostras, assim como de outros estados, como Bahia e São Paulo (Figura 3).

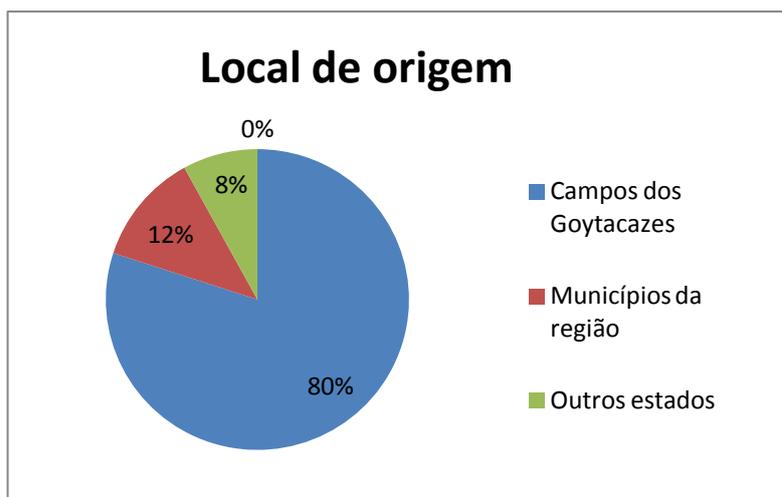


Figura 3: Local de origem dos alunos. Fonte: Pesquisa de Campo

Os estudantes que responderam a pesquisa moram no próprio bairro onde fica a escola ou em bairros vizinhos, como o Parque São Benedito, Parque Aurora, Turf Clube, IPS e Dr. Beda. Em sua maioria, residem com suas famílias compostas, em média, por três a cinco pessoas. As profissões de seus pais ou responsáveis também variam, sendo algumas de nível superior (professor, assistente social, nutricionista, enfermeiro), de nível técnico (técnico de enfermagem, técnico de equipamentos odontológicos), além de outras como vendedor e taxista.

Ainda como forma de melhor conhecer os sujeitos da pesquisa, questionou-se aos estudantes se eles já haviam residido em áreas consideradas rurais. Buscou-se com essa pergunta identificar se os alunos, apesar de residirem atualmente na cidade, já haviam vivido por algum tempo no campo, o que poderia influenciar em suas concepções sobre essa realidade espacial. Conforme mostra a figura 4, dos 25 alunos, somente dois (8%) responderam “sim”. Um morou por seis meses e outro por apenas três meses no campo.

Portanto, conclui-se que a turma é composta, em sua maioria, por alunos que não tiveram um contato intensivo com o campo. Esse fator pode mostrar-se fundamental na compreensão das concepções de campo dos alunos que são apresentadas a seguir.



Figura 4: Respostas dos alunos à pergunta: Você já morou no campo? Fonte: Pesquisa de Campo.

5 RESULTADOS: O QUE PENSAM OS ALUNOS SOBRE O CAMPO?

Buscando atender aos objetivos da pesquisa, o questionário distribuído aos alunos continha duas perguntas principais: “Para você, o que é o campo?” e “Para você, o que é a cidade?” Buscou-se, assim, identificar as concepções de campo e cidade nos alunos, para, a partir daí, analisar se os mesmos conseguem perceber relações entre as duas realidades espaciais. Para tanto, optou-se por fazer questões abertas, solicitando que os alunos escrevessem aquilo que os viesse à mente. Alguns escreveram respostas longas e mais elaboradas, no entanto, a maioria escreveu respostas mais curtas ou apenas citou algumas palavras, demonstrando certa dificuldade de conceituação e até mesmo de escrita.

A seguir é apresentada uma análise das respostas dos alunos. Optou-se por não citar seus respectivos nomes, já que esta não é a finalidade do trabalho. No entanto, para identificá-los, usaremos números a letra A, referente a aluno, junto a números que vão de 01 a 25.

Quando se faz uma análise das respostas dos alunos às duas questões principais, percebe-se que, de maneira geral, os discentes tiveram maior dificuldade em responder a questão sobre o campo, provavelmente por não possuírem muito contato com esse espaço. Na maioria das respostas há uma tentativa de explicar o campo como o espaço oposto à cidade. Isso se evidencia pelo fato de muitos alunos explicarem o que é campo a partir daquilo que lhe “falta”, ou seja, a partir daquilo que existe na cidade, mas que não existe no campo, ou aquilo que existe em menor quantidade no campo em relação à cidade.

De maneira geral, o que se percebe é a predominância de uma visão romântica de campo, onde se predomina a natureza e a paz. Na maioria das respostas foram citados elementos como árvores, rios, matos, animais e ar puro. Para os alunos, o campo é o lugar onde reina a tranquilidade e as pessoas são “felizes com o pouco que tem”, conforme as respostas descritas abaixo:

Um lugar onde tem fazendas, pasto, animais, plantações, não tem poluição. Casas, e árvores, ar puro. (A05)

Lugar calmo e pacífico, onde as pessoas vivem em paz. (A15)

Campo para mim é um lugar calmo, sem muitos barulhos, sem prédios, sem muitos carros e com bastante animais, com plantações. Onde as pessoas comem daquilo que plantam e colhem, que acordam cedo para cuidar dos animais, das plantações. As pessoas são felizes com o pouco que possuem. Campo para mim também seria um lugar de paz, sem barulhos de aviões, telefones e sem toda correria das pessoas, como no centro das cidades. (A09)

Zona rural, onde tem mato, animais, frutas, plantas, gado e tipo uma fazenda com uma estrada de terra, casas grandes, lavouras, brejo, rios, pessoas dedicadas a agricultura. Onde tem ar puro e pouca poluição. (A12)

Percebem-se elementos imateriais que não existem, ou existem em pouca quantidade no campo, em oposição à cidade, como o barulho e a correria. Além disso, elementos como prédios, estabelecimentos comerciais, carros e internet também são citados como elementos ausentes no campo.

Ainda chama a atenção referências de que o campo oferece pouca quantidade de opções de estudo, assim como pouco acesso a lojas, postos médicos e aparelhos eletrônicos. Os acidentes, conflitos e violências também existem em pouca quantidade, segundo os alunos.

É um local com mais campos, animais e muitas árvores. Um local quente, sem muitos prédios, carros e estabelecimentos. Um lugar com poucas ruas asfaltadas, sem esgoto muitas vezes e com muita areia. Um lugar que utiliza muito da agricultura para a venda ou a própria sobrevivência da família da pessoa que cultiva. Uma região com poucas opções de estudo, com poucos pontos médicos, etc. (A02)

É um local que tem poucas famílias, poucas casas. Não tem prédios. Tem muitos animais e muitos tipos de plantações. Poucos acidentes e poucos conflitos, etc. (A04)

Um lugar tranquilo, sem supermercados, lanchonetes, prédios, hospitais, sem internet, sem muitas tecnologias e na maioria das vezes, sem violência. (A06)

No entanto, alguns discentes consideram que a vida no campo é mais difícil do que na cidade, pois, segundo eles, no campo “tudo depende da mão-de-obra”. Alguns alunos citam que no campo o trabalho não é valorizado e que, por isso, as pessoas não têm renda elevada. Os tipos de atividades laborais se restringem à agricultura e pecuária.

É um lugar onde há uma vida mais difícil, que tem fazendas e convive com os animais. (A13)

Para mim, campo é uma zona rural onde agricultores plantam e cultivam e onde as pessoas dependem do seu trabalho agrícola e também por seu trabalho não ser muito valorizado as pessoas não tem renda alta. Tudo no campo depende da mão-de-obra, até mesmo as roupas. (A16)

A figura 5, que consiste em um quadro-síntese, demonstra melhor os aspectos colocados pelos alunos quando responderam a questão “Para você, o que é o campo?”. O quadro está dividido em três colunas: na primeira estão os elementos que os alunos dizem existir no campo; na segunda estão os elementos que eles dizem não existir no campo e, por fim; na terceira coluna estão os elementos que os alunos dizem existir em pouca quantidade no campo. Ressalta-se que, embora não se tenha pedido aos alunos que explicassem o que é campo especificando os elementos presentes, ausentes ou existentes em pouca quantidade, percebeu-se que a maioria dos discentes utilizou dessa forma explicativa em suas respostas.

O que é o campo?		
Presença de	Ausência de	Pouca quantidade de
<ul style="list-style-type: none"> • Florestas, árvores e matos • Agricultura, hortas, frutas e verduras • Rios, brejos e cachoeiras • Pastos, sítios e fazendas • Animais • Estrada de terra. • Calor • Ar puro • Areia • Casas • Pessoas simples • Paz e tranquilidade • Felicidade com o pouco que tem • Vida mais difícil • Mão-de-obra e trabalho pesado • Máquinas agrícolas 	<ul style="list-style-type: none"> • Prédios • Infraestrutura • Carros • Estabelecimentos comerciais • Esgoto • Poluição • Hospitais • Internet • Tecnologias • Barulho • Telefone • Rendas elevadas • Correria das pessoas • Agrotóxico 	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoas • Casas • Ruas asfaltadas • Opções de estudo • Postos médicos • Acidentes • Conflitos • Violência • Aparelhos eletrônicos • Acesso a lojas de roupas • Celulares • Barulho • Poluição • Trabalhadores

Figura 5: Aspectos destacados nas respostas para a pergunta: Para você, o que é o campo?
Fonte: Trabalho de Campo.

Mediante a análise da figura fica clara a tentativa dos alunos em explicar o campo comparando-o à cidade. Nota-se que os elementos considerados ausentes ou que existem em pouca quantidade no campo são mais numerosos do que aqueles que os alunos disseram estar presente nessa realidade espacial. Isso pode ser explicado pelo distanciamento dos alunos em relação ao campo, o que resulta em uma concepção de campo que se aproxima daquela preconizada pelo senso comum.

Embora discutir o conceito de cidade não seja o principal objetivo do presente trabalho, optou-se por questionar aos alunos qual seria a concepção em relação a essa realidade espacial. O objetivo foi tentar identificar se os alunos percebem alguma relação entre campo e cidade.

Os alunos explicaram a cidade como o espaço que apresenta poucos elementos da natureza, como árvores e plantas, no entanto é um espaço que reúne muitas pessoas, com a presença de diversos prédios e casas e com uma variedade serviços e equipamentos, a exemplo de hospitais, escolas, espaços de lazer e estabelecimentos comerciais.

Um lugar onde há lojas, lanchonetes, cinemas, pessoas passeando, andando de bicicleta, carro. A cidade é maior, tem casas, prédios, ruas, etc. (A01)

É um lugar que tem casas, prédios, comércios, oficina, unidades de saúde, etc. (A22)

Cidade é um lugar que tem prédios, casas, comércios, pessoas, lugares de lazer, pontos históricos, etc. (A23)

Segundo os alunos, a cidade ainda apresenta “coisas modernas”, muita tecnologia e uma variedade de meios de transportes que facilitam a locomoção. No entanto, não há estradas de terra como no campo, pois na cidade as ruas são asfaltadas, com um trânsito movimentado, engarrafamentos e acidentes frequentes.

Uma região com inúmeros prédios, carros, motos e estabelecimentos, onde o comércio é levado bem mais a sério, tem muitos pontos médicos, muitas escolas e por conta da quantidade de carros acontece bastante engarrafamentos. Um local em que o trânsito é bem movimentado e cheio. (A02)

Cidade pra mim é totalmente o oposto do campo, onde há muitas pessoas que comem coisas instantâneas, lugar sem muitas plantações, onde a maioria das coisas são artificiais. Lugar também onde há muito barulho de carro, aviões, buzinas e outras coisas. (A09)

Diferentemente daquilo que colocaram a respeito do campo, onde as pessoas são simples e trabalham na agricultura e/ou na pecuária, a cidade, na concepção dos alunos, apresenta uma variedade classes sociais e de oportunidades de empregos. Além disso, é um lugar onde se encontram “boas condições financeiras” e “melhor qualidade de vida”.

Local onde vivem pessoas de várias classes sociais, tem mais disponibilidade de empregos, fácil acesso a lojas, shoppings, etc. (A08)

Cidade pra mim é um lugar onde a maioria das populações vive com boas condições de vida, com boas condições financeiras e econômicas. Enfim, o povo que vive nas cidades é isso. Existem cidades que são boas e cidades que são ruins de morar. Onde eu moro eu acho bom. (A11)

No entanto, em oposição ao campo, em que a paz e a tranquilidade são presente, a cidade apresenta diversos elementos e situações negativas que a tornam um lugar agitado e perigoso. Para os discentes, a cidade apresenta muitos conflitos e violências, com a presença de tiros, drogas, roubos e assaltos. Somado a isso, citam os diversos barulhos e a agitação, além de elementos imateriais como o medo e o estresse.

A cidade é boa, mas às vezes é ruim. Tem muitos tiros, as pessoas com medo de sair de casa. (A03)

Um local com muita poluição, com carros, pessoas, lojas, centros comerciais, casas, prédios, favelas, drogas, roubos, assaltos. (A05)

Um lugar movimentado, muitas vezes estressante. Com supermercados, prédios, hospitais, lanchonetes, restaurantes, escolas e com bastante tecnologia e com bastante violência. (A06)

Nas respostas de alguns alunos fica evidente a concepção dicotômica entre o espaço rural e o espaço urbano. Uma resposta que chama atenção é a do aluno 25, para quem no campo os alimentos consumidos não apresentam contaminação por agrotóxicos, o que não ocorre na cidade, já que nesta “as coisas de comer tem mais agrotóxicos”. Essa resposta demonstra uma clara concepção de que campo e cidade são completamente opostos, de modo que, até mesmo a alimentação consumida nesses dois espaços é proveniente de lugares e atividades distintas. Pode-se inferir que ocorre um desconhecimento ou uma falta de reflexão a respeito do processo de produção dos alimentos e o caminho até chegar à mesa do consumidor urbano.

Campo é uma zona rural, onde há plantações, criações de animais, onde o ar é puro, onde não existe nada com agrotóxico, onde tudo é mais calmo, e

onde não tem muita infraestrutura. Onde as pessoas trabalham duro nas plantações, criações, etc.

Cidade é a zona urbana, onde há muitos carros, o ar é mais poluído, onde há muitos supermercados, as coisas de comer tem mais agrotóxicos, o pessoal não trabalha muito com plantações e criações. Onde as pessoas trabalham em empresas, escolas, etc. (A25)

Nesse mesmo sentido, outra concepção que chama atenção é a do aluno 16, que considera que todos os produtos consumidos no campo são frutos do trabalho do próprio sujeito que o produz e o consome. Já na cidade, para consumir bastaria ter dinheiro. Mais uma vez, infere-se um desconhecimento a respeito dos processos produtivos.

Para mim, campo é uma zona rural onde agricultores plantam e cultivam e onde as pessoas dependem do seu trabalho agrícola e também por seu trabalho não ser muito valorizado as pessoas não tem renda alta. Tudo no campo depende da mão-de-obra, até mesmo as roupas.

Para mim, cidade é um local urbano onde as coisas são modernas e onde a tecnologia domina no nosso dia-a-dia. E a diferença do campo para a cidade é que na cidade para conseguirmos basta ter dinheiro e no campo é necessário mão-de-obra. (A16)

Convém ainda destacar a resposta do aluno 11 que enfatiza uma dinâmica de relação entre campo e cidade. Ao responder sobre o campo, o referido aluno ressalta que “existem cidades que são boas e cidades que são ruins de morar”, de modo que “muitas pessoas que não se dão bem morando na cidade acabam indo morar no campo em busca de melhores condições de vida”.

Quanto aos dois alunos que já residiram no campo, dois elementos ressaltados diferem das demais respostas. O aluno 17 residiu no campo por seis meses. Ao falar desse espaço, cita que é onde se realizam atividades de agricultura e pecuária, no entanto, diferente dos demais alunos, ele ressalta que no campo são realizadas “outras atividades”, todavia, sem especificar quais seriam essas elas.

Campo é o lugar onde é realizada a cultura e pecuária (criação de gado, carneiro, etc.), dentre outras atividades também. (A17)

Já o aluno 18 residiu no campo por um período de três meses. Suas respostas também se aproximam das demais, no entanto, assim como o aluno 17, ele cita um elemento que não foi colocado pelos demais alunos. Ao responder “Para você, o que é o campo?”, ele chama a

atenção para a existência de máquinas agrícolas, distinguindo-se dos colegas que ressaltaram apenas o trabalho manual.

Para mim campo é um lugar onde tem boi, cavalos e pastos imensos com máquinas agrícolas, local calmo. (A18)

Em geral, percebe-se que a forma como os alunos responderam a questão sobre a cidade foi bastante diferente em relação à questão sobre o campo. Assim como na questão anterior (Figura 05), elaboramos um quadro dividido em três colunas nas quais se buscou identificar os elementos citados pelos alunos (Figura 06). Fazendo uma breve análise, fica evidente a diferença nas respostas às duas perguntas.

O que é a cidade?		
Presença de	Ausência de	Pouca quantidade de
<ul style="list-style-type: none"> • Muitas pessoas, casas e prédios • Coisas modernas e tecnologia • Indústrias, estabelecimentos comerciais, postos médicos, escolas, espaços de lazer e pontos históricos • Ruas asfaltadas • Carros, motos e ônibus • Transito movimentado, engarrafamento e acidentes • Favelas • Conflitos, violência, drogas, roubos, assaltos e tiros • Barulhos, movimento, estresse, agitação e medo • Agrotóxico na alimentação • Poluição • Disponibilidade de emprego • Fácil acesso a lojas e facilidade de locomoção • Boas condições de vida, boas condições financeiras e melhor qualidade de vida 		<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho com plantações e criações • Árvores e plantas

Figura 6: Aspectos destacados nas respostas para a pergunta: O que é a cidade? Fonte: Pesquisa de Campo

Nesta questão praticamente não houve comparações entre os dois espaços, pois os alunos buscaram explicar a cidade a partir dos elementos que nela realmente existem e não a partir daqueles que lhes são ausentes. Tal ocorrência pode ser explicada pelo fato dos alunos viverem na área urbana, tendo maior conhecimento sobre esse espaço.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada com os alunos do C. E. Sylvio Bastos Tavares, em Campos dos Goytacazes, permite inferir que os discentes, em sua maioria, concebem o campo e a cidade numa perspectiva dicotômica, de modo que um espaço seria oposto ao outro. De maneira geral, o que se percebe é a predominância de uma visão romântica e idealizada sobre o campo, sendo este considerado enquanto lugar do “atraso”, onde se predomina a natureza e a paz. A agricultura e a pecuária tradicionais seriam, na percepção dos alunos, os únicos elementos dinamizadores desse espaço. Quanto às relações entre o campo e a cidade, não foi possível percebê-las nas respostas dos alunos, já que para eles os dois espaços são entendidos isoladamente.

Conforme afirma Hespanhol (2013), a abordagem que considera a dicotomia campo-cidade sempre esteve presente nos debates sobre essas realidades espaciais e, no caso da realidade brasileira, essa abordagem foi dominante até os anos 1980. No entanto, mesmo na atualidade, ela está presente em certas instituições, agências e políticas públicas. Portanto, essa percepção não é exclusiva dos alunos.

A discussão teórica realizada no presente trabalho permite considerar que essa percepção dos alunos não é condizente com a realidade atual do campo. Este não é apenas o local de realização da atividade agropecuária, mas envolve outras atividades, funções e sujeitos que intensificam cada vez mais as relações de complementaridade entre campo e cidade, embora cada parcela do espaço geográfico mantenha suas particularidades.

Coloca-se, pois, como desafio ao professor de Geografia a tarefa de desmistificar as concepções que os alunos trazem consigo. Consideramos que ao trabalhar numa perspectiva que entenda o campo a partir de suas novas dinâmicas e relações com a cidade, o professor estará possibilitando ao aluno uma melhor compreensão da realidade, permitindo que o mesmo compreenda o espaço de forma mais crítica, alcançando assim, o objetivo do ensino de Geografia.

UNDERSTANDING THE CONCEPT OF “COUNTRYSIDE” AMONG STUDENTS OFF COLÉGIO ESTADUAL SYLVIO BASTOS TAVARES, IN CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ

ABSTRACT

Working with contents related to the countryside in the teaching of Geography is a big challenge for the teacher, mainly when the students are originally from the city and does not have any relation with the countryside's reality. To be aware of the knowledge that these students have about the countryside becomes really important in order to provide for them a meaningful education. Facing this fact, this essay aims to understand the conception of countryside among students off a school located in an urban area and then identify whether they are able to recognize the relation between the countryside and the city or not. The research is a result off the application of questionnaires for students who are concluding Elementary School at Colégio Estadual Sylvio Bastos Tavares, situated at Parque Rosário, in Campos dos Goytacazes, RJ. Analyzing the answers is possible to understand that, in general, students see countryside and city in a dichotomous way. The countryside in their vision is considered a place where there's no development and the nature, peace and tranquility predominate. About the relations between the countryside and the city, they were not found in the given answers, once for them these areas are understood separately.

Keywords: Rural. Urban. Geography Teaching.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Geografia, 1.o e 2.o ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARNEIRO, M. J. "Rural" como categoria de pensamento. **Ruris**, Campinas-SP, v. 2, n. 1, p. 9-39, 2008.

CARNEIRO, M. J. Multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: uma abordagem comparativa. In: MOREIRA, R. J.; COSTA, L.F de C. (org). **Mundo rural e cultura**. Rio de Janeiro: MAUAD/RONEX, 2002, p. 223-240.

CAVALCANTI, L. S. . A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: Seminário Nacional: currículo em movimento, I, Perspectivas Atuais, 2010, Belo Horizonte-MG. **Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento: perspectivas atuais**, 2010, p. 1-15.

CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana.** 3ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CRUZ, J. L. V. Da. **Projetos nacionais, elites locais e regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense.** 331 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

DUARTE, Ronaldo G.. A Geografia no Ensino Básico frente aos novos cenários rurais e urbanos na América Latina. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, XII, 2009, Montevideo-Uruguai. **Anais do XII Encontro de Geógrafos da América Latina.** Montevideo, 2009.

FARIA, T. J. P.. Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades velhas estruturas. X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina Por uma Geografia Latino-Americana: Do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade,** p.4478-4799, 2005.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010.** Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 10/10/16.

LACOSTE, Y. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Trad. Maria Cecília França. 4ed. Campinas: Papirus, 1997 [1976].

HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo. **Mercator**, Fortaleza-CE, v.12, número especial (2), p.103-112, set.2013.

MOTA, D. M. da; SCHMITZ, H. Pertinência da categoria rural para análise social. **Ciências Agrotecnicas**, v. 26, nº 2, p. 392-399, 2002.

SILVA, R. O. ; CAPISTRANO, R. P.; GONCALVES, F. E. Dinamização da prática pedagógica no ensino de geografia. **Holos**, Natal-RN, v. 5, p. 176-182, 2010.

VESENTINI, J. W. **Por uma Geografia Crítica na Escola.** São Paulo: Edição do Autor, 2008.

Recebido em 17/12/2016.
Revisado entre 10 e 17/07/2017.
Aceito em 18/07/2017.